Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 386

11 DE SETEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

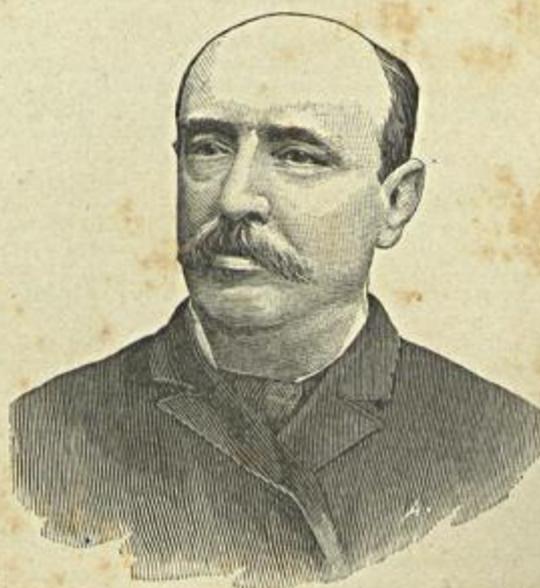
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

CONSELHEIRO MARIANNO DE CARVALHO

Fiscal do Governo junto da Exposição Portugueza

GERARDO PERY

Director da Secção Agricola

VISCONDE DE MELICIO

Director da Secção Industrial

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa voltou á antiga.

Quando toda a gente imaginava que as obras da canalisação da nova companhia do gaz estavam de todo concluidas, e que as ruas da cidade íam finalmente ser transitaveis, appareceram outra vez duzias de ruas revolvidas de *fond en comble*, montes de pedras por toda a parte, covas abertas, lanterninhas por uma immensidade de ruas e travessas que dão outra vez a Lisboa o aspecto immundo e incommodo que ella teve durante todo o verão.

Que obras são estas?

Vão lá sabel-o! Não é uma nem duas, é um grupo de varias obras, obras do elevador, obras do gaz, do americano, obras da camara—um inferno!—collaborando todas para o mesmo fim que tão brilhantemente attingem—tornar a cidade intransitavel. Se se vae a pé por essas ruas, é necessario andar a fazer equilibrios por cima de pranchas de madeira, a saltar covas e a galgar montanhas de pedra; se se vae de carruagem tem que se andar leguas em voltas por aqui e por ali, porque por toda a parte se esbarra em postes com os letreiros de «Vedado o transito de vehiculos», se se vae de americano é uma dança permanente a engatar parelhas e desengatar parelhas para os carros atravessarem os covões que por ahi enxameiam as ruas á força de braços, porque só ha dois ou tres dias é que um homem de genio,—tenho pena de não saber quem foi para apontar o seu nome á admiração dos contemporaneos e ao respeito dos vindouros—descobriu que havia uma maneira de evitar essas continúas desengatadellas—collocar sobre a valla aberta umas taboas por onde os muares passassem.

Quando eu era pequeno, a minha ama contava-me uma historia que me divertia immenso e que nunca mais me esqueceu apezar de por cima d'ella passarem já uns bons trinta e tantos annos.

A historia chamava-se a historia do paiz dos impossiveis. A esse paiz que a boa da velha me dizia ser um paiz inventado, mas que depois durante a minha vida tenho visto que não era tão inventado como isso, foi um dia parar um *touriste* qualquer em viagem de recreio.

Passou uma rua e viu ao pé d'uma casa que tinha umas paredes muito altas sem uma unica janella, um homem sentado ao pé d'uma grande canastra vazia exposta ao sol.

De vez emquando, o homem tapava a canastra soffregamente, cuidadosamente como que para não fugir o que ella tinha dentro e levava-a para a casa.

D'ali a nada voltava com a canastra vasia, tornava-a a abril-a ao sol, depois d'um pedaço tapava-a outra vez, sempre com a mesma cautella, e levava-a lá para dentro.

Este caso repetiu-se umas sete ou oito vezes, e o viajante muito intrigado com a coisa, sem poder atinar com o que o homem da canastra estava a fazer, tirou-se dos seus cuidados e foi direito a elle.

—O tiosinho, que demonio está você a fazer com essa canastra?

—Deixe-me meu senhor, respondeu o homem muito consternardo, isto são os meus peccados.

—Mas o que é!

—Esta casa é minha: fil-a com as minhas economias, mas o demonio da casa ficou-me escura como breu.

—E d'ahi?

—D'ahi, ando ha oito dias a levar lá para dentro canastras cheias de sol, para ver se ella fica mais clara, mas qual historia! Está escura como d'antes, e eu tenho que a abandonar, porque assim não se póde viver lá dentro.

—Você tem ahi uma picareta?

—Tenho sim senhor.

—Dê cá.

E o viajante pegando na picareta começou a abrir uns buracos na parede do feitio de janellas.

O dono da casa olhava-o espantado e um pouco desconfiado ao mesmo tempo.

Depois de abrir duas janellas na parede, o viajante disse ao homem:

—Agora vá lá dentro e veja se já tem mais claridade.

O homem foi e voltou d'ali a nada radiante, e deitando-se de joelhos aos pés do viajante exclamou agradecido:

—Oh! o sr. foi um Deus que me appareceu aqui! A casa está já cheia do sol, o sr. foi o meu salvador!

O viajante continou o seu passeio pela cidade, mas d'ali a nada parou em frente d'uma casa d'onde vinham uns gritos afflictivos, um chôro sentidissimo.

—O que é isto? O que aconteceu? perguntou elle a uma pessoa da casa que apparecera á porta lavada em lagrimas.

—Uma grande desgraça! uma enorme desgraça?

—Sim! Então o que é?

—Imagine que o dono da casa tem por força que se apresentar hoje á 1 hora da tarde na administração do bairro para ser examinado para soldado, e se não se apresentar é condemnado como desertor.

—Pois sim, e depois?

—Depois, é quasi uma hora e elle não póde ir.

—Porque? Está doente?

—Não senhor, peior ainda.

—Peior?

—Sim senhor. Elle não tem senão um fato de sahir á rua; o gato deitou-se-lhe em cima do fato, adormeceu, não accordou ainda e se não accorda até d'aqui a cinco minutos, lá fica o homemsinho condemnado como desertor; porque elle nao póde ir sem o seu fato.

—Espere ahi que eu arranjo tudo, disse o viajante.

Entrou na casa, deu um piparote no gato que accordou logo e saltou para o chão.

A familia soltou um enorme grito de alegria, de alivio e desfez-se em bençãos para o seu bemfeitor.

Mais adiante o viajante ao passar por uma egreja ouve um alarido colossal, e uma grande multidão parada á porta do templo, uns discutindo acaloradamente, outros desfazendo-se em altos berros, em gemidos plangentes.

Foi indagar o que era.

—É uma fatalidade, uma fatalidade assombrosa que veio anuviar a alegria, a ventura de dois noivos que se adoram e que iam casar-se.

—Ah! então levantou-se algum impedimento á ultima hora?

—Peior do que isso!

—Peior do que isso?

—Sim senhor. A noiva segundo o costume da terra tem que entrar no templo a cavallo n'uma mulinha branca: mas não póde entrar e por isso não póde casar-se.

—Não póde entrar porque?

—Porque a porta da egreja é muito baixa e a noiva a cavallo não cabe; e está-se discutindo o que se hade fazer, ou desistirem do casamento ou então cortarem os pés á mula ou a cabeça á noiva.

O viajante bemfasejo aproxima-se da noiva e pegando na arreata da mula diz-lhe:

—Ora tenha a bondade d'entrar.

—Não posso, se pudesse ha que tempos que tinha entrado! Olha a grande novidade! exclamou a noiva com mau humor.

—Póde: ora baixe um bocadinho a cabeça, assim...

A noiva baixou a cabeça e entrou na egreja.

E a população toda que tinha assistido a estes milagres do viajante fez-lhe uma ovação monstro e acclamou-o rei do seu paiz.

Ora o homem de genio que ha tres dias no Terreiro do Paço descobriu a maneira d'um carro americano passar por cima d'uma valla, sem ter que desengatar a parelha, fazendo-a passar por cima d'uma ponte volante, no fim de durante vinte annos ninguem da companhia de tal se lembrar, está no mesmo caso do viajante do paiz dos impossiveis e tem todo o direito á immortalidade.

E agora por escrever immortalidade lembro-me que a mortalidade deu alguma cousa que fazer á chronica de Portugal n'estes ultimos dez dias: o desapparecimento d'um estadista celebre que deu muito que fallar de si na nossa terra, e o desapparecimento d'uma actriz que não era uma celebridade artistica mas que teve tambem o seu tempo aureo e as suas noites de gloria.

O estadista foi o sr. Marquez de Thomar, um dos vultos mais proeminentes da politica portugueza do fim da primeira metade d'este seculo, um dos homens publicos que mais discutido foi, que mais enthusiasticos partidarios teve, que mais encarniçados e violentos odios provocou.

Desde 1834, que pela primeira vez foi eleito deputado, até 1851 em que pela ultima vez foi ministro o Marquez de hoje, então Antonio Bernardo da Costa Cabral e depois Conde de Thomar occupou logar proeminente na politica portugueza e encheu a nossa historia d'esse tempo com o seu nome, com os seus actos, com as suas luctas, com a sua politica toda pessoal, tão pessoal que teve o seu nome, cabralista, e que na technologia politica da nossa terra ficou representando um processo de governar, um systema de administração.

Quando nós entrámos no mundo o Conde de Thomar sahia da vida publica retirava-se aos bastidores d'onde nunca mais sahiu, e onde viveu descançadamente, longe dos odios, das luctas e das intrigas da politica até á bonita idade de 86 annos.

Não é aqui o logar, nem de fórma alguma nós somos os competentes para essa tarefa, de analysar a vida do Marquez de Thomar, de fazer a critica da politica cabralista, o estudo das suas grandes qualidades de estadista, que as teve, e dos seus grandes defeitos, que os teve tambem e em alta escala. Muitas vezes temos declarado aqui mesmo o nosso profundo horror por tudo que é politica, a nossa absoluta negação por todos os assumptos que lá vão dar, e infelizmente as coisas na nossa terra teem tomado tal feitio que a Politica é uma especie de Roma a que todos os caminhos vão dar: um estudo da vida publica do Marquez de Thomar, seria uma estrada real que nos conduziria implacavelmente a essa cidade de que fugimos sempre aterrados, e por isso, e por que temos por preceito jornalistico desde que nos entendemos nunca fallarmos d'aquillo que não percebemos, limitar-nos-hemos a registar apenas aqui a morte do marquez de Thomar, deixando a outros mais auctorisados a historia da sua vida, a critica dos seus actos, a apreciação da sua politica, apreciação, critica e historia que tem muito que fazer e para que nós, sem a mais ligeira sombra de modestia nos confessâmos de todo o ponto incompetentissimos.

A actriz que morreu n'estes ultimos dez dias, foi a actriz Maria Joanna, que desapparecida agora do theatro do mundo, ha muito que desapparecera já do mundo do theatro.

Maria Joanna nunca foi uma celebridade artistica, mas teve um tempo de muita nomeada, e gosou de grande e justa popularidade n'um genero em que realmente era magnifica—a parodia.

Muito apreciavel na operetta ligeira nas *soubretes* de comedia, Maria Joanna tinha na parodia o seu grande triumpho artistico. N'esse genero era inexcedivel e nunca actriz portugueza, embora de mais folego artistico, conseguiu egualal-a.

A *Traviata*, a *Lucrecia Borgia*, a *Norma*, em que ella teve grandes successos e em que fez ganhar muito dinheiro a varias empresas, eram umas verdadeiras obras primas.

Maria Joanna, ultimamente envelhecida mais pela doença do que pela idade, alquebrada, tristonha, fôra em tempo uma rapariga formosa, desenvolta, dotada d'uma graça petulante e audaciosa que não é muito vulgar nos palcos portuguezes.

Deveu a essas qualidades grande parte dos seus *successos*

Fóra do theatro, Maria Joanna era uma excellente rapariga, cheia de bonhomia, de jovialidade, um bom coração e um bom caracter que não tinha senão sympathias.

Debutou ha 31 annos no theatro das Variedades na mesma peça em que debutaram Antonio Pedro, Joaquim d'Almeida, e a ultima peça que representou—a peça da inauguração do theatro da Anenida,—representou-a tambem em companhia de Antonio Pedro.

A peça cahiu, a companhia desmanchou-se e Maria Joanna voltou para casa onde já antes d'isso estava ha tempos sem escriptura, e donde no domingo sahiu para o cemiterio do alto de S. João morta por uma lesão cardiaca que a torturou durante longos mezes.

Paz á sua alma!

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

IV

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

Quando se falou da representação de Portugal na exposição universal de Paris, disse-se na imprensa que o governo portuguez não podia fazer-se representar officialmente junto da Republica Franceza. E affirmava-se que a exposição perderia o seu cunho de certamen artistico industrial e commercial para celebrar exclusivamente o centenario da tremenda revolução, ainda tão odiada por todas as monarchias; no proprio parlamento foi declarado por um ministro de estado que as exposições no estrangeiro só eram verdadeira-

mente uteis aos individuos que lá iam. Por todas estas razões que nos abstemos de discutir, Portugal não se fez representar *officialmente*.

Ora o anno de 1789 marca uma data notavel, mas na historia do progresso da sciencia e da industria, não se trata aqui de formas de governo nem de intriguitas de côrte. Foi em 1789 que Volta e Galvani, lançaram os fundamentos da sciencia da electricidade, que Fulton tirava os seus primeiros privilegios, que Vancanson estabelecia em Lyon a primeira officina em que se applicou o systema de Jacquart; a manufactura das tellas pintadas era iniciada por Oberkampf; a primeira machina de fiação do linho era apresentada por Philippe Girard; e finalmente a aereostatica começava a popularisar-se pelas arrojadas experiencias dos Mongolfier.

Está pois assente que o anno de 1789 representa uma data scientifica.

Não se fez representar o governo da nação, mas fez-se representar a propria nação. Singular contraste. O mesmo fez a Inglaterra, a Belgica, a Allemanha, a Alsace-Lorena, a Russia, Italia, Austria-Hungria, Dinamarca, Brazil, Luxemburgo e Roumania.

E o paiz representou-se pela Real Associação d'Agricultura Portugueza, na pessoa do sr. Pinto Coelho e Gerardo Pery coadjuvados pelos srs. Carlos Campos, Palmeirim e outros,—e pela Associação Industrial Portugueza, no sr. visconde de Melicio. Representando o governo como fiscal junto das duas associações, ficou o sr. conselheiro Marianno de Carvalho.

Estas associações tem cada uma a sua commissão executiva, composta de um limitado numero de industriaes e agricultores.

A França esse grande paiz que ainda até hoje, não obstante o desastre de 1870-1871, encontrou competidor na Europa fiou o successo do seu monumental certamen do sr. Carlos Adolpho Alphand director das obras da Exposição, Jorge Berger, engenheiro de minas director da exploração da Exposição, e Alexandre Gustavo Eiffel engenheiro constructor.

De todos elles tratamos no primeiro e no segundo artigo que sob esta epigraphe temos publicado.

E' junto de homens d'esta estatura que tem de tratar os nossos representantes.

Não ha ninguem entre nós que não conheça Marianno de Carvalho cujo nome tanto popularisou o *Diario Popular*. Visconde de Melicio um dos fautores da Exposição Industrial Portugueza de 1888 em Lisboa e Gerardo Pery director da secção agricola da mesma Exposição.

Esses homens de que hoje se occupa o Occidente são n'este momento os fiadores talvez da mais grave missão civica, como é a de sustentar o nome portuguez a boa tradicção honrada de Portugal. D'elles depende n'este momento a honra nacional.

Porque das nossas installações no Campo de Marte, do seu valor e consequentes apreciações, da nossa attitude ali e da impressão que porventura causarmos nos milhares de visitantes que procurarem as exposições portuguezas virá o impulso que moverá a Europa em muitas das questões diplomaticas que d'ella esperam o *veredictum*.

Do que mostrarmos valer a nossa industria, a nossa agricultura, as nossas artes, a nossa administração nas colonias, e o seu desenvolvimento resultará o receio, a tibieza em guerrear ou calumniar uma nação trabalhadora, util á humanidade, civilisadora, honrada pelas suas acções, forte pela historia dos seus maiores.

Tem este valor a exposição portugueza em Paris.

Se os outros povos do mundo e particularmente os da Europa que ali nos observarem confirmarem pelo que viram que não somos os selvagens nem os negreiros que os jornaes de Inglaterra todos os dias expõem á irrisão, — ha de nos ser feita justiça.

Tem este valor a nossa exposição em Paris. As calumnias de John Bull terão de desapparecer ante a evidencia, e de então em deante não será já tam facil desacreditar nos pelos congressos civilisadores attribuindo-nos o que elle sabe muito bem só a Inglaterra seria capaz de o fazer.

Ali, n'aquella montra collossal do mundo culto, mostraremos o que em verdade valemos, os nossos sacrificios pelas sociedades modernas, o grau de instrucção e educação a que chegamos, e finalmente que a nação portugueza não receia o confronto com muitas das nações da Europa, designadamente a propria que mais lhe conspurca a honra.

A nossa exposição divide-se em duas secções, uma que figura no palacio das exposições diversas, e é a industrial, a outra que tem o seu pavilhão proprio no Caes de Orsay, na margem do Senna, é a agricola e colonial.

A primeira é composta, na sua maioria, dos productos que estiveram na exposição industrial da Avenida o anno passado.

Estes productos foram devidamente apreciados pelos jurys, sendo premiados quasi todos os expositores.

Na segunda figuram tambem productos que concorreram á referida exposição da Avenida. O pavilhão onde se acha installada esta exposição, é um edificio feito expressamente e que representa um palacio no estylo D. João V, um tanto alterado, mas que á primeira impressão se acceita, sendo o seu aspecto geral agradavel.

Tratou d'esta construcção o sr. visconde de Melicio que contratou o plano do edificio com o architecto francez M. Hermant, e a sua execução assim como a de um annexo com M. Jules Allard.

O edificio tem tres pavimentos sendo o terreo dividido em quatro compartimentos constando de vestibulo de entrada, salão ao centro onde está a exposição dos vinhos do Porto organisada pela Associação Commercial do Porto, e duas salas para a direita e para a esquerda sendo na da direita a exposição florestal e na da esquerda a de mineraes e loiça das Caldas.

As salas do primeiro andar estão occupadas pela exposição colonial, organisada pelo sr. Luiz d'Andrade Corvo. Esta exposição estende-se até á galeria central do segundo andar e á sala que deita para o rio. Na outra sala vêem se as conservas, licores, xaropes e aguas mineraes.

No annexo está a exposição de vinhos e azeites organisada pela Real Associação da Agricultura Portugueza. É aqui que se provam os vinhos vendidos a copo por umas francezas transformadas em mulheres da nossa provincia do Minho.

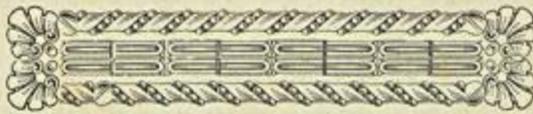
Se estas vendedeiras fossem umas mulheres do Minho authenticas teriam muito mais interesse para os visitantes e os copinhos do nosso Porto, Madeira, Collares, etc. seriam saboreados com mais prazer ainda pelos provadores que não obstante acham excellentes os vinhos portuguezes.

Effectivamente os nossos vinhos tem sido justamente apreciados causando enthusiasmo, e o mesmo tem acontecido á loiça das Caldas da fabrica dirigida artisticamente por Bordallo Pinheiro.

Toda a loiça exposta foi logo vendida e feitas encommendas importantes. Foi Bordallo Pinheiro o encarregado da parte decorativa da exposição, encargo de que se desempenhou com o applauso de todos que visitam o pavilhão portuguez.

Os desenhos que vão publicados a pag. 204 e 205 reproduzem alguns aspectos interiores d'esta exposição e foram desenhados expressamente para o Occidente, pelo collaborador artistico d'este periodico o sr. Luciano Freire que acaba de chegar de Paris.

No proximo numero publicará o Occidente uma gravura da vista exterior do pavilhão portuguez com o que completará a noticia sobre a Exposição de Paris.

A. da Silva.

AS NOSSAS GRAVURAS

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Foi o sr. Cassiano Maia que fez a gravura em relevo d'esta medalha que elle dedicou á patria.

É um trabalho de elevado merecimento que honra o seu auctor e a arte portugueza.

A medalha, como se vê na gravura que publicâmos tem em uma das faces o busto em relevo do marquez de Pombal e em volta, em quatorze paquenissimos quadros as datas do seu nascimento, morte e actos mais notaveis da sua sabia administração, pela seguinte ordem:

— Nasceu: 1699.—Falleceu: 1782.—Terremoto. Reedificação da capital 1755.—Companhia dos vinhos do Alto Douro 1756.—Creação da junta do Commercio 1756.—Creação da aula do Commercio 1759.—Expulsão dos jesuitas (3 de setembro) 1759.—Satisfação pedida á Inglaterra 1760.—Creação do Collegio dos Nobres 1761.—Libertação dos escravos no Reino 1761.—Declaração de guerra á França e Hespanha 1762.—Creação da imprensa Regia 1768.—Reforma da Universidade de Coimbra 1772.—Lei sobre a instrucção primaria 1772.—Inauguração da estatua equestre 1775.

Na outra face está gravado tambem em relevo um grupo emblematico constante do seguinte:

O Olho da Providencia representando a Maçonaria que tomou parte nos festejos.—Um prelo representando a Imprensa, tendo proximo alguns jornaes onde se lê *O Occidente*, *Diario de Noticias*, e *Folha do Povo*. — Uma esphera representando o mundo. — Um telescopio representando a Astronomia.—Um môcho representando o Estudo e a Sciencia.—Um livro aberto e uma pena representando a Historia e a Litteratura. — Um navio a vapor tendo no tope d'um mastro uma bandeira onde se lê *Gloria*, representando a Navegação e o Progresso.—Chaminés e um cortiço representando a Industria.—Um caduceu, um fardo e um gallo, representando o Commercio.—Um galeão com as armas da Camara Municipal de Lisboa, encerrando uma ardosia com signaes geometricos, representando a cidade e as escolas.—Um pelicano, representando as associações de soccorro mutuo. —Um grupo de estandartes, lendo-se em um estandarte: *Club Rasão e Justiça*, tendo ao centro do grupo um mastro de bandeira encimado por um ramo de perpetuas significando as associações democraticas —Um ancinho, uma pá, um malho, um forcado, uma foice, um mólho de trigo e uma pipa, representando a Agricultura.—Uma ancora, representando a Marinha. - Um canhão, um monte de balas, uma espada, uma espingarda, um soquete e uma couraça, representando o Exercito. —Uma palleta, um busto e uma columna, representando a Pintura, a Esculptura e a Architectura.—Uma caneta de desenho, um compasso, um esquadro e um transferidor, representando o Desenho e a gravura.—Um machado de bombeiro e uma fita com uma cruz, representando a Associação dos Bombeiros e a Ambulancia.—Umas mãos enlaçadas, representando a associação hespanhola *La Fraternidade*.—Uma mascara e um punhal, representando a Comedia e a Tragedia.—Uma lyra, representando a Musica.—Duas farpas, representando a arte Tauromachica.—Uma bilha, representando a Olaria.—Um cavaquinho representando as sociedades de *Sól-e-Dó*.

Esta face da medalha tem ao centro um pavilhão em que se lê: *Os estudantes de Lisboa*. Em volta lê-se: *Commemoração do Primeiro Centenario—8 de Maio de 1882*.

É primorosa a execução de todos estes atributos reunidos em tão pequeno espaço.

CONTOS DE HOJE

VI

(AO MEU AMIGO JOAQUIM D'ARAUJO)

(Concluido do n.º 385)

O pobre doido suspendera-se um pouco, e limpando furtivamente uma lagrima continuou resolutamente.

«Dias depois, veio para mim um mensageiro, e segredou-me que a velha Ayram de Lara obrigara Aiime a espalhar por toda a parte que o guerreiro El Onam a calumniava ao dizer-se por esta amado... E eu já não havia em meu poder prova alguma ..

—Simplesmente repugnante! murmurei.

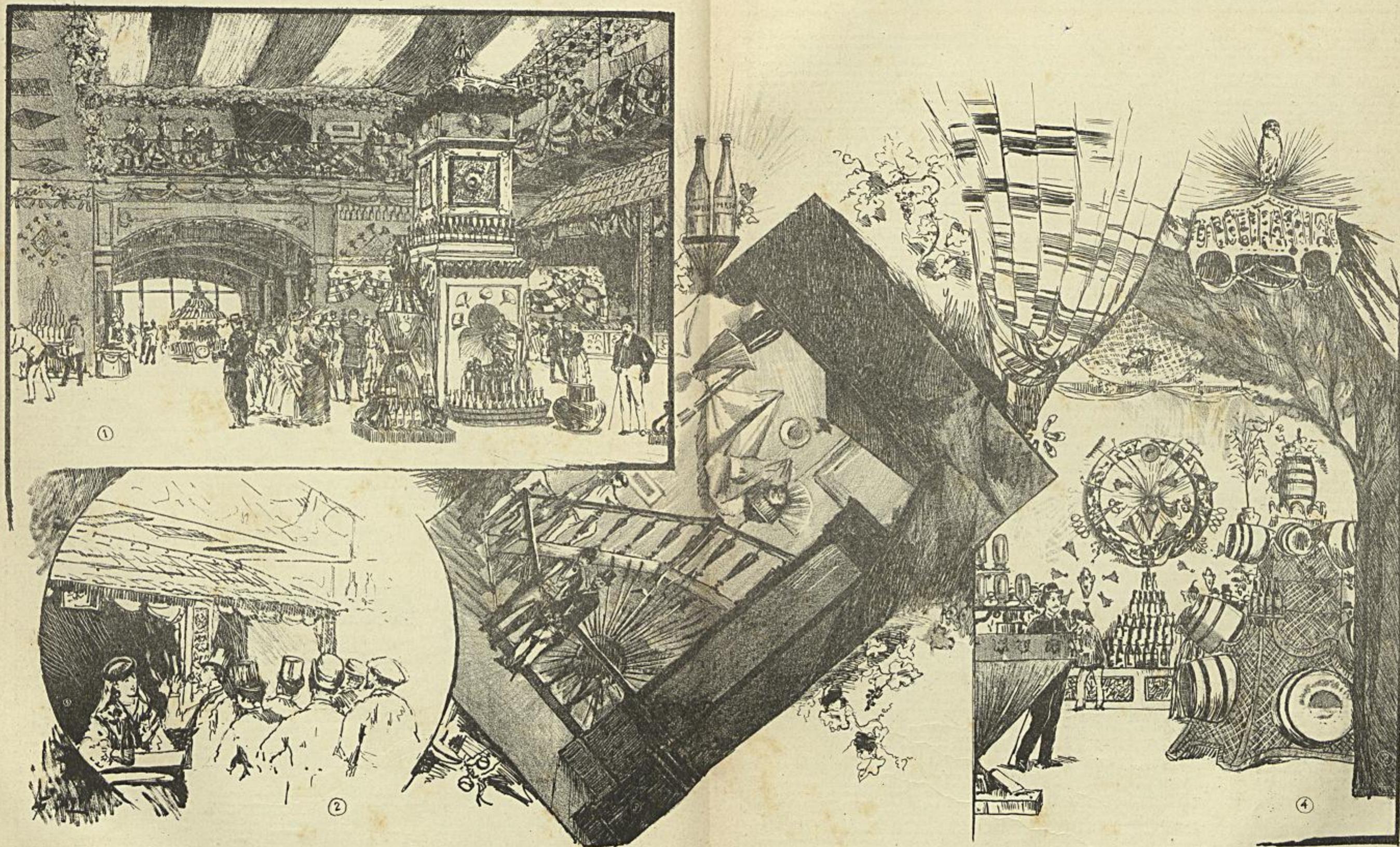
«O mensageiro corroborou que era essa tambem a opinião do povo de Lara.

«Sciente de taes boatos fiquei um dia e uma noite ajoelhado sobre a campa onde minha Mãe repousa, e pedi-lhe perdão por o seu nome andar proferido nos labios de tão vis creaturas.

«Beijei a terra que cobria a santa ossada e ergui-me.

«Era meu caminho o de Lara... Logo que ali parei fui informado de que a velha bruxa Ayram ficára doente de lepra; n'este facto vi o primeiro castigo d'Aquelle que tudo vê. Ouvi mais que a filha, a perjura Aiime, se achava em Cahide no campo militar dos meus saudosos besteiros. Para lá dirigi meus passos. Pela ultima vez, ainda, ouvi o clangor vibrante dos meus clarins de guerra. Pela ultima vez, ali foi saudada pelo rufar dos atabales a pluma negra, ovante, do elmo glorioso do chefe guerreiro El-Onam. Passou-me pelos olhos a visão do combate com o sibilar dos pelouros, o estridor das espadas, montantes, lanças e escudos!...»

O *guerreiro antigo* pareceu muito abatido, porque em seguida ao tom enthusiastico com que recordou o seu poderio militar, continuou n'uma voz triste, amargurada.

—«Despido d'armas, apenas com um pesado

1. Pateo do pavilhão.—2. Venda de vinho a copo.—3. Escada do 1.º para o 2.º pavimento.—4. Porta da sala dos productos florestaes para a dos vinhos da Madeira

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA (Desenhos do natural por L. Freire)

habito de burel infundi *ainda* tal respeito aos meus antigos companheiros de guerra, que mais d'um homem d'armas houve que me beijou silenciosamente a mão.

»A' porta de uma das tendas de campanha estava Ailime que me sorri com um desdem de barregã.

»Infame ! nunca senti tam funda dôr ! E havia eu amado tal creatura ! E tinha-a levantado nos escudos vencedores da minha crença ! Parece fatal que um nobre coração seja sempre covarde em taes momentos...

»Acerquei-me d'ella e ajoelhei para, na oração, offerecer ao nome da minha santa o sacrificio que eu sem delongas devia consummar.

»A insensata assistio com um sorriso de escarneo á minha prece. Incauta mariposa approximando do fogo as azas de nevoa !... Cuidou talvez que lhe implorava perdão !... Perdão de que ? !

»Vulgar insensata !...

»Tinha lavrado a sua sentença...

»Para não a assustar approximei-me d'ella com precaução, apparentando o mesmo ar sereno com que supportara a sua desbragada attitude.

—»Ailime ! digo-lhe tocando no hombro delicado,—que mal te fez a memoria de minha Santa ?

»Respondeu com violencia.

—»Mal ! disseste ? E' a causa de tu me não quereres. E' a causa de eu me ter humilhado offerecendo-me a ti, — a ti ! — em vão. Que mal me fez ? Odeio-a ! odeio essa morta que me apagou o fogo santo do Amor ! e assim eu podesse cuspir-lhe na face, como te faço a ti para te abater o orgulho !. .

»Dei um grito rouco... e as minhas mãos crispadas pela colera voaram-lhe para a gorja, soldavam-se-lhe n'um supremo aperto ao pescoço, delgado, elegantissimo, sob a sua cabeça luminosa, attrahente...

»Deliciei-me então vendo em seus olhos negros transluzirem, fixos em mim, as expressões de surpreza, amor, assombro e profundo terror...

»E, eu carregava gradualmente na sua garganta de setim inupta de um tal collar, os meus dedos, firmes como ferro, inflexiveis como a lei...

»As suas pequeninas mãos de patricia venezziana tentavam em vão impedir que este garrote de osso e musculo, lentamente, de mais em mais, a asphixiasse. De supito... Oh! o momento elluz... vi-lhe, atravez da maceração que o soffrimento começava accusando, archear-lhe um sorriso gentil na bocca de nácar... e o seu olhar implorou tam eloquentemente, que lhe abandonei o collo:

—»Falla !...

—»Foi Ayram que me obrigou a tudo...

—»E para que o negaste sempre ?

—»Tive medo que a matasses,

—»Desgraçada ! Só agora o confessas, perdoôte... Vive ! vive querida Ailime, ainda te amo... *ainda*.

»Não e raro um bom coração esmagar a dignidade.

»Por isso eu perdoava... é que a infamia contamina.

»Era tarde porém. A pobre creança resvallou-me dos braços batendo no chão como uma massa inerte... os labios a tremerem-lhe... o olhar vitreo...

»Deitei-me rapidamente na terra ao seu lado e collei o meu ouvido sobre a sua bocca, senti-a fria. Ainda suspirou estas palavras:

—»Morro feliz... amo-te porque até assassinando és nobre...»

*

* *

O doido terminada a narração, affastou-se de nós com grande magestade, alçando a cabeça com altivez e em cujos labios pairava um sorriso ironico, e murmurou o seu favorito estrebilho:

—Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador.

—Ah ! maldicta... Ah ! ah ! ah ! tinha sede de ti ! Infame ! Tinha medo de tanta felicidade ! Amo-te como as justas amam a virtude ! Ah! ah! ah ! Era mentira, era tudo mentira, tudo !... Hei de contar esta historia... oh ! hei de contal-a...

....

Quando olhei para Roberto Ivens, esse bravo patriota, hoje uma gloria nacional, esse honrado marinheiro de espirito tam folgazão, de espirito forte como um gaulez, vi-lhe uma expressão de tam funda tristeza e bondade que os olhos marejaram-se-me de lagrimas. .

Havia muitos annos que a sensibilidade me não tomava. A razão era porque, mau grado tudo, vimos no *guerreiro antigo* um d'esses desgraçados que poucos comprehendem e todos offendem.

Commettera um crime porque fora austero de honradez. Altivo no seu isolamento, incomprehendido mas sempre grande.

*

* *

Ao longe, na sua triste melopêa, soava ainda a voz do doido.

Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador...

....
....

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

—Um duello! sim senhor, canfirmou o conselheiro Mimoso,

—Um duello não digo bem, emendou o Visconde, nós não vimos o duello, vimos os duellistas.

—Ah ! não se estavam batendo ? perguntou a Guida.

—Nada, estavam todos ainda á espera d'um dos adversarios, disse o Visconde.

—E parece que o tal adversario se demorava, porque pelo que ouvi elles já não estavam lá muito contentes.

—O que? o padre ouviu o que elles diziam ? perguntou o Visconde.

— Ouvi por alto.

—Safa que é preciso ter bom ouvido !

—Não admira disse o conselheiro Mimoso, tem o ouvido muito apurado pelas confissões ..

—Mas então o que diziam elles ? perguntou o Visconde.

—Um, um militar, puchava os bigodes furioso e exclamava : Nunca se viu uma cousa assim ! Ha mais de duas horas á espera e nada de apparecer! E uma desconsideração !

»Lá isso é ! dizia um rapasito muito novo ainda, um fedelhote que eu não sei que papel fazia no duello.

«—Mas hade-lhe sahir cara ! tornava o militar. Agora não é nada com os senhores, é comigo, é comigo que elle se hade haver !

—Naturalmente foi sujeito que reconsiderou, ponderou o conselheiro Mimoso. E fez elle muito bem. O duello é um crime que todos os codigos civilisados punem.

—Pois sim, mas faltar a um duello é uma cobardia, tornou o padre Bernardino, que lá em qnestões de pancadaria não era nada pêco.

—Será, será uma cobardia, mas cobardia não é um crime, e o duello é, e portanto todo o cidadão honesto e digno, tem que optar sempre pelo acto não criminoso, raciocinou muito ordeiro, muito legal o conselheiro Mimoso.

—Mas credo! exclamou a menina Guida interrompendo a conversação, que conversas tão exquisitas que arranjaram para o dia dos meus annos: agora duellos... Até chega a ser agourento!

Tem muita razão minha senhora concordou logo o conselheiro Mimoso, deixemo-nos de conversas tristes e vamos a saudar alegremente com *hurrahs* enthusiasticos o faustissimo anniversario natalicio da menina nascida.

E dizendo, estendeu o copo de champagne ao criado que se aproximava servindo café com leite. O criado não reparou e encheu-lhe a taça de café.

O conselheiro distrahido tambem e nem por sombras podendo calcular que lhe serviriam café com leite em taças de champagne ergueu-se e dizendo :

—A saude da menina nascida ! Hip ! Hip ! Hurrah !... leva a taça aos labios.

Mas ao sentir nos labios o calor do café, quando esperava encontrar o fresco do champagne *fappé*, assustou-se deu um grito e deixou cahir a taça.

Grandes risadas das meninas ao verem o engano, grande galhofa, em quanto que a Viscondessa desolada ao vêr o copo de champagne feito em migalhas no chão, reprehendia severamente o criado de mesa por não ter tirado os copos antes de servir o café.

Por outro lado o Visconde fez-se desentendido ao chamamento de mais champagne, que a saude do conselheiro Mimoso representava, e começou a gabar muito a saborosa qualidade do café e a fina arte com estava feito.

E o almoço terminou sem mais incidentes.

*

* *

Terminado o almoço restava um problema grave a resolver: o que fazer durante as horas do sol; em que passar o dia ?

Passeiar era inteiramente impossivel com a soalheira que enchia todas as estradas e azinhagas. Estar em casa a olharem uns para os outros era de 'uma semsaboria medonha.

Que fazer então ?

Cada um lembrou a sua coisa e depois, no fim de renhida discussão, venceu o plano da menina Guida :—irem para a entrada da mina, um sitio muito fresco e muito agradavel jogar jogos de prendas.

E foram.

A ideia de Guida quando posta em pratica mereceu os applausos de todos mesmo d'aquelles que mais opposição lhe tinham feito, como por exemplo o Quim, que queria jogar os quatro cantinhos na sala e o Visconde que opinava pelo jogo do loto até ás horas de jantar.

Effectivamente a entrada da mina estava agradabilissima e quando se atravessava parte da quinta e se chegava ali parecia que se sahia d'um forno e se entrava n'uma sorveteira.

A temperatura estava tão agradavel, que o conselheiro Mimoso que tinha ido acompanhar o rancho até ali, emquanto em casa preparavam a mesa para o voltarete que elle ia jogar com a Viscondessa e o Padre Bernardino, resolveu logo ir a casa buscar os parceiros e a mesa e virem jogar ali para aquella encantadora fresquidão

E assim se fez.

Os tres sentaram-se á mesa do voltarete, *á força*, como lhe chamava o padre Bernardino, e o Visconde de Friões muito cheio de jovialidade veio tomar a presidencia do jogo de prendas da rapaziada, e occupar o logar de padre cura, nomeando seu creado o Quim Barradas e sua ama a menina Emilinhas.

O jogo de prendas correu muito animado, muito galhofeiro, e nas abobodas da mina echoavam a todo o momento os gritos esganiçados da Guida e da Lulu, berrando «Prenda ! Prenda !» áquelles que se enganavam no tratamento a dar aos varios parceiros, ao passo que da mesa do voltarete vinham de vez em quando discussões azedas, muito gritadas, em que se destacava a voz do padre Bernardido praguejando como um arrieiro.

A victima do jogo de prendas era o Quim.

Por mais prendas que pagasse não atinava com os tratamentos e nem á mão de Deus padre deixava de dar excellencia ao visconde de Friões, em vez da senhoria que lhe competia como padre cura, nem era capaz de tratar por tu o cravo que era a Lulu, e o amor perfeito que era a menina Guida.

E já não tinha prendas para dar; — os seus tres anneis, o par de luvas, o lenço de assoar o alfinete da manta, a carteira, tudo isso estava já em poder do padre cura, ao passo que os outros parceiros poucas prendas tinham dado, em poucos castigos incorriam.

Não tendo já onde guardar a abbada de prendas, o Visconde de Friões propoz que se suspendesse o jogo, passando a sentencear-se as prendas até ali dadas.

Então a galhofa subiu de ponto, e as meninas Guida e Lulu, sabendo que o principal castigado era o Quim começaram a carregar a mão nas penitencias, a inventar as coisas mais diversas, mais difficeis e mais comicas para o Quim fazer.

Uma d'essas sentenças foi a de olhos vendados, como na cabra cega, agarrar a pessoa que lhe desse um puchão d'orelhas.

O Quim não teve remedio senão cumprir a penitencia tal qual fôra decretada: deixou vendarem-lhe os olhos e depois, collocado no meio da roda começou o seu castigo.

Era puchão d'orelhas que fervia, as meninas Lulu e Guida puchavam a valer, e o proprio Visconde de Friões com toda a sua gravidade de director de companhia de seguros brincando com um seu subordinado, puchava lhe as orelhas a serio para se justificar aos seus proprios olhos com essa seriedade do puchão, da transigencia que excepcionalmente se permittia ás suas relações de chefe com os seus inferiores.

O que é certo é que ao fim de cinco minutos as orelhas do Quim estavam vermelhas como tomates, e quentes como o pão quando sae do forno. O pobre diabo corria d'um lado para outro, a ver se agarrava a pessoa que lhe puchava as ore-

lhas, mas agarrava apenas cabeçadas e tropeções pelas paredes e pelas pedras.

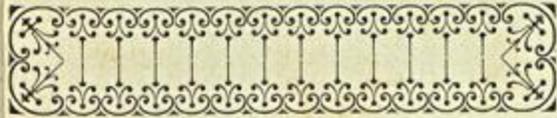
Doudo já, como um boi na praça, furioso por ver que aquella tourada ameaçava ainda durar, o Quim arrojava-se já loucamente para todos os lados, sem se importar com as pancadas, querendo a todo o preço agarrar alguem, acabar com aquillo.

E d'uma vez esteve por um triz a deitar a mão ao Visconde. Ainda chegou a apanhar-lhe uma aba da sobrecazaca, mas o Visconde sacudio-o com a sua auctoridade de superior, de chefe, e o Quim tropeçando foi cahir dentro da calha por onde vinha a agua da mina.

E ao mesmo tempo que elle chapinhou na agua saltou de lá um bicho enorme que veio cahir no meio da mesa de voltarete. Era uma cobra que tinha mais d'um metro de comprimento.

A Viscondessa soltou um grito estridente, e perdeu os sentidos, o padre Bernardino preparou-se para de murro fechado matar o reptil; o conselheiro Mimoso aterrado quiz fugir e caiu no meio do chão com a cadeira, levando atraz de si a mesa, as cartas, os tentos e o dinheiro.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Representação das linhas de força d'um campo electrico. — Eis, segundo M. Chapman, um processo muito fiel de representação das linhas de força:

Tome-se sulfato de quinino cristalisado e cubra-se com elle a superficie de um banho d'essencia de terebentina, posto em communicação d'um lado com a machina electrica e do outro com a terra.

Os cristaes de sulfato de quinino se orientam ou buscam posição e indicam, ou desenham, a direcção das linhas de força.

Podem estabelecer-se muitas communicações, seja por terra, seja com alguns corpos electrisados, e, em todos os casos, nunca deixa de se obter uma reproducção, assás nitida das linhas de força.

A benzina póde ser empregada em logar da essencia de terebentina, mas para seu uso é preciso que esse liquido esteja perfeitamente livre da agua, o que se obtem agitando-o com um pouco de chloreto de calcium deluido.

Novo agente para o branqueamento de tecidos — Diz o *Gas World* que M. Lever acaba de obter um liquido que branqueia os tecidos mais delicados e lhes dá uma alvura e brilho notaveis. Consiste o processo em fazer passar a agua do mar por uma corrente electrica, adiccionando-lhe certa quantidade de soda caustica.

Diz o mencionado jornal que esta descoberta é de natureza a derribar a actual industria do branqueamento de tecidos.

Rodas polygonaes para augmentar a adherencia das locomotivas. — M. Swinerton, engenheiro americano, acaba de inventar uma roda motriz polygonal, com o fim de augmentar a adherencia das locomotivas.

A principal vantagem d'esta roda é evitar o resvalamento que se produz sobre o rail a tal ponto que, em certos casos, para uma distancia real percorrida de 159 kilometros as rodas fazem um numero de voltas correspondentes a 160 kilometros.

Por muito tempo se considerou como prejudicial, tanto para as vias ferreas como para o material, a fórma polygonal, mesmo que essa fórma fosse a mais ligeira. Parecia igualmente que os angulos deviam em breve desapparecer. A pratica tem mostrado que isso não é assim. A elasticidade das molas das locomotivas tornam os abalos quasi insensiveis, e provou-se que as rodas d'uma locomotiva que havia percorrido mais de 90:000 kilometros sobre o caminho de ferro de Boston e Lewell e cujas chapas estavam gastas na espessura d'um centimetro, tinham, não obstante esta circumstancia, conservado suas facetas perfeitamente visiveis.

M. Bede, que acaba de dar um caracter muito serio a esta invenção, vae chamar sobre ella a attenção dos administradores e engenheiros de caminhos de ferro.

Barco insubmergivel. — Na quinta-feira, 4 de julho, viu-se fundear no Sena, em frente da Exposição, um pequeno yacht pintado de branco, levando hasteado o pavilhão americano. Era o *Neversink*, que partindo de Boston em 22 de maio, havia chegado ao Havre em 28 de junho, tendo feito a travessia do Atlantico em um mez e seis dias! E' tripulado por 4 homens apenas, e um capitão.

Este barco é construido sobre o principio dos barcos de salvação do Capitão Norton. Assenta em um duplo casco tendo muitos compartimentos no espaço que existe entre os dois cascos. N'alguns d'esses compartimentos a agua serve de lastro, n'outras o ar é comprimido. Por este systema o lastro é completamente supprimido, sendo substituido pelos reservatorios de agua, que se enchem automaticamente em alguns segundos forman do assim um *water-ballast*, revestido em toda a extensão do navio. O ar comprimido na parte superior pela introducção da agua nos respectivos reservatorios, ajuda a estabilidade do barco e o impede de virar.

Estas embarcações de salvação teem todavia o inconveniente de serem muito pesadas e de difficil manobra.

O *Neversink* é porém construido nas condições mais aperfeiçoadas do systema e manobra excellentemente.

* * *

O fabrico das armas em Liège elevou-se no anno findo ao numero de 1.503.540 armas de fogo no valor de 12.262.369 francos.

Os operarios que se occuparam n'este genero de industria, receberam á razão de 2 francos por dia de 12 a 14 horas.

A exportação das armas de Liège foi, durante o anno de 1888, de 2.124.081 francos para a Hollanda, de 1.926.826 francos para a França, de 1.643.471 francos para a Allemanha, de 1.184.494 francos para os Estados Unidos e de 799.647 francos para a Grã Bretanha.

Veem em seguida o Brazil, a China, a Italia e Portugal.

Nova saccharina—A saccharina de Fahlberg é tida como a mais especial de todas as do seu genero.

Segundo um jornal de Vianna a fabrica bavara d'anilina e de soda em Ludivigshaven vae pedir patente d'invenção para um producto chimico de grande alcance na industria e que designa sob o exquisito nome de *Sulfimido d'acido methylobenzoico* que se afiança ser mais doce que a saccharina de Fohlberg, que como se sabe, tem um poder dulcificante igual a 280 vezes o do assucar refinado.

O effeito edulcorante d'este novo producto é d'uma energia surprehendente. Um pequeno fio de 2 a 3 millimetros, tão delgado como qualquer agulha de cozer das mais finas, adoça um copo d'agua a tal ponto que é preciso deluir consideravelmente o liquido para o poder beber.

* * *

Para soldar os objectos que não podem supportar uma temperatura elevada acaba de descobrir-se o seguinte processo:

Toma-se cobre em pó precipitado d'uma dissolução de sulphato de zinco, mistura-se em um almofariz de porcelana com o acido sulphurico concentrado.

O minimo das partes de cobre varía conforme o grau de pureza que se deseja obter.

Junta se lhes então, agitando sempre, 70 partes de mercurio e quando a amalgama estiver concluida lava-se em agua quente para tirar todo o acido e deixa-se esfriar.

Ao cabo de 10 ou 12 horas o composto está no caso de com elle se poder soldar ou colar qualquer objecto.

Para se fazer uso d'esta composição aquece-se até que ella tome a consistencia de cera, estende-se sobre as superficies que se pretendem soldar e logo que esfrie adhere com grande tenacidade.

S. P.

REVISTA POLITICA

Eleições e mais eleições é o que actualmente preocupa mais a politica, o que não quer dizer que a preocupe por ahi alem, com um afan extraordinario, mas pachorentamente, indolentemente consoante esta calma tropical que nos reduz a todos a outros tantos alambiques de distilação contínua, em que se nos vão as forças dos musculos e dos argumentos.

N'esta sorna indolente correm as discussões eleitoraes na imprensa e se um ou outro desperta com um pouco mais de vida, volta depressa á somnolencia, consolando-se com a idéa de que a campanha ainda vem longe e de que *o que tiver de ser seu, á mão lhe ha de vir*, sem se lembrar de que tambem se diz *da mão lh'o hão de tirar.*

E parece-nos que nunca o caso se applicou melhor, porque mansamente a intriga insinua-se nos varios circulos politicos preparando talvez grandes surprezas para a ultima hora.

Os que julgam a situação gasta e que pouco mais póde viver, vão-se infileirando surrateiramente nos grupos da opposição, para se aproximarem mais do cofre das graças que se abra por este lado, já que do outro lado não conseguiram apanhar nada, e como n'estas alturas tudo faz conta, os filhos prodigos são recebidos de braços abertos sem se cansarem muito a verificarem-lhe a identidade.

E' o caso de um politico muito conhecido que querendo ser deputado a todo o transe se propoz candidato por varios partidos monarchicos sem alcançar o seu fim, até que calhou no republicano que o elegeu. Outro tanto aconteceu com outro politico que queria ser ministro, e que tendo militado em varios partidos, se ficou no regenerador que lhe satisfez os seus desejos, e se fossemos a citar todos os casos semelhantes, encheriamos as doze columnas do Occidente sem conseguirmos chegar ao ultimo.

Agora é que chega a occasião de virar casacas e fazer profissões de fé, e é porisso que se segredam surprezas, emquanto se guarda o maior silencio sobre a época das eleições.

Este silencio tráz muita gente intrigada e principalmente os interessados que se habilitam com a sua cautelinha para a grande loteria eleitoral.

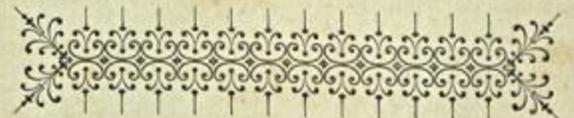
Como o tempo é que faz tudo e tudo desfaz, é facil de imaginar os castellos que se farão com esse tempo e quantos cahirão com as primeiras ventanias do inverno, se a espectativa eleitoral se fôr prolongando até ao mez dos perus.

Quantos ficarão esmorecidos com aquella ave exotica, emquanto outros como ella se empavezarão.

Com estas demoras o mais que póde acontecer é as côrtes não se poderem constituir no praso legal, mas isso não será para surprehender pela, mesma razão de ellas terem acabado de funccionar já depois de terminada a época legislativa e o mandato dos representantes da nação, eleitos por tres annos.

Se os eleitores não protestaram então por haver legislatura a mais, não protestarão agora por haver legislatura a menos; é uma questão de formalidade e mais nada, a tanto se acha redusida a Carta: tudo formalidades.

E o caso é que as taes formalidades tem passado da lei para os costumes e tudo se vae reduzindo a formalidades, que até estas linhas não são mais que uma formalidade, um cavaco com os leitores, que por fim nos perguntarão pela Revista Politica.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Operarios a Paris. — A Camara Municipal de Lisboa resolveu subsidiar alguns operarios portuguezes para irem a Paris visitar a exposição e estudarem o que interesse ás suas respectivas artes e industrias. E' muito louvavel a iniciativa da camara, que assim procura proteger o trabalho nacional facultando-lhe meios de elle se desenvolver e aperfeiçoar.

A camara deixou a cada classe a livre escolha dos individuos que deviam aproveitar este beneficio, tendo-se para esse fim reunido as differentes classes de artistas para cada uma eleger os seus candidatos e delegados ao jury de apuramento dos individuos eleitos.

Na impossibilidade de darmos aqui uma relação de todos os individuos eleitos pelas differentes classes, por ser demasiado extensa, limitamo-n'os á classe dos gravadores, por ser a nossa folha a publicação portugueza que mais se tem interessado pelo desenvolvimento da gravura em o nosso paiz.

Na eleição a que se procedeu no dia 11 do mez passado, na Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas, o artista gravador

em madeira que obteve maior numero de votos foi o sr. Manuel Diogo Netto, pertencente ao atelier de gravura do Occidente e discipulo do sr. Caetano Alberto, sendo tambem eleito n'essa occasião por acclamação para delegado o referido sr. Caetano Alberto da Silva proprietario do Occidente. O jury que funccionou na Camara Municipal no dia 15, confirmou a escolha que a classe dos gravadores fez do sr. Netto, assim como propoz candidato pela gravura em metal, ao sr. Cassiano Maia, que tambem obtivera grande votação na classe dos abridores, e que é um artista de reconhecido merito.

Todos estes trabalhos se fizeram com presteza pouco vulgar na nossa terra, e no dia 9 do corrente os artistas eleitos partiram para Paris acompanhados pelo digno engenheiro da camara sr. Avellar que dirige a missão.

A' partida do domboyo houveram enthusiasticos vivas aos que partiram e á Camara Municipal, levantados pelo povo que enchia a estação de Santa Apolonia como raras vezes ali se tem visto.

Sua Alteza o Principe D. Carlos.— Já se acha em Turim onde foi assistir ao baptisado do filho dos duques de Aosta, Sua Alteza o Principe D. Carlos. A ceremonia celebrou-se no palacio dos duques de Aosta, em Turim, no dia 7 do corrente e foi completamente em familia, assistindo o rei Humberto e a rainha Margarida, que foram padrinhos, o principe Victor Bonaparte e mais principes da casa real. O novo principe recebeu o nome de Humberto.

Sua Alteza o Principe D. Carlos teve uma recepção affectuosissima na côrte de Italia e foi muito acclamado pela população.

O principe portuguez volta a Paris no dia 14 onde se demorará ainda alguns dias até regressar a Portugal.

Marinha de Guerra Portugueza. — O governo portuguez vae adquirir dois cruzadores e tres canhoneiras, em virtude da lei votada em côrtes que o authorisa a dispender até á quantia de 1.700 contos de réis para acquisição de navios de guerra.

Os cruzadores terão 2:200 toneladas, deslocamento, e comprimento não superior a 85 metros. Casco de aço dividido em compartimentos estanques, tendo duplo fundo estanque para poder metter lastro d'agua na parte correspondente ás machinas e caldeiras dos navios. Em toda a extensão do navio abaixo da coberta, uma couraça de aço para protecção, cuja espessura não seja inferior a 25 millimetros na parte central do navio, e de 50 na inclinação para os flancos. Machinas de triplice expansão, dando uma velocidade não inferior a 16 milhas, com tiragem natural. O artilhamento composto de 3 peças de 15 centimetros e 4 de 10,5 centimetros, systema Krupp, 4 peças de tiro rapido Hotchkiss de 65 millimetros, duas peças-rewolver Hotchkiss de 37 millimetros e duas metralhadoras. Escudos de protecção para todas as bôccas de fogo.

Canhoneira de 560 a 660 toneladas de deslocamento, casco de aço sem compartimentos estanques, nem duplo fundo, e posto de combate sobre a ponte, protegido com chapa de aço. Machina de triplice expansão, devendo dar uma média em velocidade de 11 milhas. Deve armar com 4 peças de 10,5 centimetros Krupp, 3 de tiro rapido Hotchkiss de 65 millimetros, 1 peça-rewolver Hotchkiss de 37 millimetros e 1 metrolhadora. Escudos de protecção para todas as bôccas de fogo.

Canhoneira para navegação costeira: primeiro typo de 200 toneladas de deslocamento, casco de aço e anteparos longitudinaes protectores de chapa de aço. Machina de systema Compound, dando-lhe uma velocidade média de 10 milhas. O artilhamento deverá ser o seguinte: duas peças Hotchkiss de tiro rapido de 0m65, uma peça-rewolver de 0m,37 o uma metralhadora. As peças terão escudos protectores.

Segundo typo — canhoneira de 160 toneladas de deslocamento, anteparos longitudinaes protectores de chapa de aço, machina Compound, velocidade média de 8,5 milhas, peças Hotchkiss de 0m,66, 1 peça-rewolver de 0m,57 e 1 metralhadora. Este segundo typo é equivalente ao primeiro, modificado apenas pelas exigencias do calado de agua.

Quadro Graphico dos Reis de Portugal e Duques de Bragança. — Acaba de obter na Exposição Universal de Paris, mensão honrosa este excellente quadro feito pelo nosso dedicado collaborador o sr. Silva Pereira.

Este quadro, que foi em tempo approvado com elogio pela antiga Junta Consultiva de Instrucção Publica do Reino para uso dos collegios de ensino primario, é um dos mais engenhosos processos da arte graphica applicado ao estudo da historia patria, constituindo assim a forma mais intuitiva a adoptar para o ensino da historia da monarchia portugueza.

O jury da exposição universal de Paris fez justiça ao nosso estudioso amigo conferindo-lhe aquella recompensa.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Lusitania e da Iberia: —Está publicado o fasciculo 14.º d'esta notabilissima obra nacional.

O seu auctor, João Bonança, que tem prestado com este trabalho um relevantissimo serviço á sciencia portugueza, occupa-se, no fasciculo 14.º, do apparecimento de todas as ordens de mammiferos; o homen; extincção da fecundidade da Terra. Apresenta um quadro dos craneos luzitanicos antigos e modernos; e demonstra que o homem é hoje generica e especificamente o que foi á duzentos ou trezentos mil annos; desenvolve a insustentabilidade do transformismo perante os factos da geologia paleontologica e até deante dos da archeologia prehistorica.

O modo de assignar para a *Historia da Lusitania e da Iberia* (Rua Ivens n.º 41—Lisboa) é o seguinte: — por fasciculos de 32 paginas pagos no acto da entrega em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada fasciculo; — por volume, paga adiantada, 6$000 pela obra completa (3 vol.)—17$000 réis.

Catalogo da Exposição Nacional das Industrias Fabris, *realisada na Avenida da Liberdade em 1888*, publicado pela Associação Industrial Portugueza. Lisboa, Imprensa Nacional, 1889. Volume I. Este volume é precedido de um agradecimento da direcção da Associação industrial Portugueza a Suas Magestades por terem honrado com a sua presença a inauguração da exposição, a Sua Alteza o Principe D. Carlos por ter acceitado a presidencia da secção agricula, e a todas as auctoridades, corporações, expositores, etc., que auxiliaram a exposição e concorreram para o seu brilho, etc.

Oito de Setembro 1808-1889. *Homenagem a Simão José da Luz Soriano promovida por um grupo dos seus admiradores.* Porto, 1889. Opusculo de 4 paginas folio illustrado com o retrato do venerando liberal em honra de que é feita esta publicação, collaborada com pequenos artigos pelos escriptores srs. Marques Gomes, Alberto Pimentel, Pereira Caldas, Eduardo de Sousa, Souza Viterbo, Bento da França, Martins de Carvalho, Leite Guimarães, Vilhena Barbosa, Oliveira Martins, Brito Aranha, Barão de S. Clemente, José Silvestre Ribeiro, Joaquim d'Araujo, etc, seguida de uma noticia bibliographica das obras publicadas por Luz Soriano.

É uma homenagem justissima prestada ao valoroso liberal que com a espada e com a pena tem sido um sincero defensor da liberdade.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43